

AS CARACTERÍSTICAS DO LUGAR E O PLANEJAMENTO DE BRASÍLIA

Marta Adriana Bustos Romero

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo - Universidade de Brasília
bustosromero@terra.com.br

Resumo - Este artigo trata da relação do ambiente edificado com o sítio, nessa especial relação que é construída quando se criam lugares, fazendo aflorar o *genius loci*. Exemplificamos este conceito, através da breve análise de assentamentos antigos e de um assentamento moderno em particular, a cidade de Brasília que, quando planejada, soube acomodar seu desenho ao sítio e soube recriar as características especiais deste com a valorização das perspectivas a introdução do elemento que faltava - a água - e o descortinar da paisagem sobre o lago e a chapada do Paranoá. A configuração urbana de Brasília lhe garante uma excepcional qualidade de orientabilidade que se apóia em princípios “cósmicos” de localização no espaço, evidente na localização dos lugares e objetos em relação aos eixos abstratos que arquetipicamente estruturam a abóbada celeste e definem os quatro pontos cardeais: norte, sul, leste e oeste. Neste trabalho, refletimos também sobre o que aconteceu no sítio devido à a uma ocupação que não foi tão cuidadosa como no Plano Piloto, obliterando o planejamento inicial no DF e deixando um rastro de devastação e insustentabilidade.

Palavras-chaves: Brasília – Paisagem - Sítio - Lugar – Sustentabilidade.

Abstract - The aim of this paper is to describe the relation between built environment and site, known as *genius loci*. We exemplify this concept through description of ancient settlements and one recent settlement: Brasilia. Lucio Costa accommodated the project to the land, recreating the special characteristics of the area, enhancing the perspectives and introducing the unavailable element – water– while revealing the lake’s landscape and the plateau of Paranoá. The urban morphology of Brasilia resulted

in an exceptional orientability based on “cosmic” principles of space localization, such as the localization of places and objects in relation to the abstract axes that archetypically structure the celestial vault and define the four cardinal points. We also describe the results of the later disordered occupation that sprawled across DF, creating a path of devastation and unsustainability.

Key-words: Brasília – Landscape - Site - Place - Sustainability.

A NEUTRALIDADE DO ESPAÇO E O SENTIDO DE LUGAR NOS ESPAÇOS URBANOS

O urbanismo moderno baseia-se na racionalidade dos traçados urbanos através da trama quadricular ilimitada que não tem os elementos da natureza como limite. Como consequência disto, as características do *lugar* são destruídas através do aplainamento da topografia, a ocupação das margens dos rios e a destruição das vegetações locais, num estilo tabula rasa. Isto leva os espaços urbanos a uma impessoalidade, um total esvaziamento do espaço público, ou melhor, uma *neutralização* desses espaços. Conseqüentemente a ausência de um valor simbólico como referência para as edificações acaba por neutralizar os espaços circundantes, diminuindo a sensação de vizinhança.

A convicção de que a população pode expandir infinitamente os espaços do assentamento humano é a primeira forma, falando em termos geográficos, de neutralizar o valor de qualquer espaço determinado. Perde-se o domínio visual da paisagem, estabelecendo-se, então, as negações visuais, que aceitam que a negação sensorial seja normal na vida cotidiana. Também, todas as características naturais que, em princípio, poderiam ser niveladas e esvaziadas, o são, de fato,

estabelecendo com isso uma tirania da geometria. Assim, por exemplo, a quadrícula imposta arbitrariamente sobre a terra raras vezes estabelece uma relação interativa e substantiva com ela.

Para Norberg - Schulz (1980) compete à arquitetura denotar a visualização do *genius loci* e criar significados para o espaço, ajudando assim o homem a morar, desenvolvendo sua relação com o ambiente.

Espírito do lugar seria, portanto, o conceito usado para indicar o caráter significativo do lugar que o, torna um habitat seguro e amigável psicologicamente. Segundo Norberg-Schulz (1980:23): “Quando o ambiente é significativo o homem sente-se ‘em casa’”. O espírito do lugar envolveria, portanto, visualizar o espaço perspectivo, que segundo Rapoport (1978) é a maneira pela qual os indivíduos experimentam o mundo, o mecanismo essencial que relaciona a pessoa a seu meio ambiente. Este autor salienta que todas as categorias espaciais definidas representam um espaço com organização do significado e de comunicação não-verbal, sendo que o desenho urbano reflete o sistema de valores das pessoas participantes. O uso do espaço urbano é uma variável deste sistema, ou seja, dos modos através dos quais a moradia e outros elementos dos assentamentos urbanos são utilizados para diferentes atividades. Nas palavras do autor

“El espacio se experimenta como una extensión tridimensional del mundo que nos rodea: intervalos, relaciones y distancias entre personas, entre personas y cosas, y entre cosas, y el espacio está en el corazón del medio ambiente construido. La organización

espacial es, de hecho, un aspecto más fundamental que la forma, los materiales, etc.” (Rapoport, 1978:24)

Em geral a ocupação do espaço nasce de um ato de poder ou de uma omissão do mesmo. O poder mostra-se agressivo com o entorno, neutralizando o espaço. Segundo Sennett (1991), para construir atuava-se como se estivesse no vazio, num claro desejo de ver o exterior como algo carente de valor, algo neutro. Um claro impulso de dispersão apareceria cada vez que o urbanismo procurou encontrar unidade entre cidade e paisagem. Com a dispersão para o vazio da periferia, a população acaba sendo uma força debilitada pela ação do desenho urbano.

Numa clara reação a esta situação, a partir de meados dos anos 60, diversos profissionais reforçaram a necessidade de um lugar público bem definido e destacado, para assim devolver a cidade à coletividade, fato que Otilia Arantes (1993:98) percebe como sendo “o antídoto mais indicado para a patologia da cidade funcional”. Na busca do lugar público, vários estudiosos perceberam a necessidade de devolver o sentido de lugar, ou *genius loci*, às cidades modernas. Antônio A. Arantes (2000:181) avalia a importância do lugar no mundo global contemporâneo:

“as pessoas precisam desesperadamente de um pouco de paz e silêncio – e que um sentido forte do lugar, da localidade, pode ser um tipo de refúgio do tumulto. Então, a busca pelo ‘verdadeiro’ significado dos lugares, a exumação de heranças, e assim por diante, interpretam-se como sendo, em parte, uma resposta ao desejo de fixação e de segurança da identidade em meio a todo

esse movimento e mudança. Um ‘sentido do lugar’, de enraizamento, pode fornecer – nessa forma e sob essa interpretação estabilidade e uma fonte de identidade não problemática.”

Heidegger (apud Arantes, 1993) também destaca a necessidade de valorizar o lugar, assinalando que o problema da crise da habitação das cidades modernas não é uma questão social de moradia, mas uma falha de enraizamento, sendo que a casa que enraíza é aquela que exprime um lugar que a precede.

O lugar significa mais que a localização, como Norberg-Schulz (1980:6) aponta :” Obviamente nós significamos alguma coisa mais do que um local abstrato. Nós significamos uma totalidade feita de coisas concretas, tendo substância material, forma, textura e cor. Juntas essas coisas determinam um “caráter ambiental” que é a essência do lugar”.

Aldo Rossi (apud Arantes, 1993) analisa o lugar como um conceito vinculado ao local, determinado pelo espaço, tempo, sua dimensão topográfica, sua forma —, por ser sede de mudanças antigas e modernas —, e sua memória. Para ele, o lugar seria mais do que o espaço físico de implante da construção, sendo sobrecarregado de sentido (histórico, psicológico etc.) e tendo significações coletivas.

Gregotti (1975: 76) afirma que a arquitetura corresponde ao lugar simbólico, no qual, de alguma forma, sempre está implícita a memória coletiva, nos valores de um grupo determinado, inclusive na economia local. Segundo o autor, a configuração que o homem opera no ambiente implica em “lugares” carregados de caracteres com significados globais.

(...) o conjunto dos signos (e também a idéia a respeito destes) manejados pelo homem, na superfície das coisas, num determinado território, não cessará de estruturar-se como linguagem significante da coletividade e de apresentar-se como forma da memória coletiva do grupo social e de sua capacidade de imaginação; mais ainda, sobre este centro singular, personalíssimo, se fundamenta a particularidade do lugar.

Vittorio Gregotti (1975: 74) cita Gyorgy Kepes, professor do MIT, sobre a morfologia urbana como sistemas de significado, para quem a cidade

não é um tecido contínuo, mas caracteriza-se, no plano dos significados, por uma estrutura particular. A cidade propõe o problema de individualizar os caracteres do lugar simbólico da cidade (por simulações, mutações e acentuações).

Segundo Vittorio Gregotti (1975:65), existem dois modos de se adquirir consciência da qualidade figurativa de uma paisagem. O primeiro pode ser resumido pela idéia do mito. (...) *sempre que um grupo social elege um espaço como lugar simbólico, reconhece nele um valor diferente da natureza, ainda que a ela consagrado, que faz que o lugar se converta em objeto, que se defina como figura circunstante.* O segundo modo é indireto, baseado na fragmentação da paisagem através de diversas instrumentações, como a pintura, a fotografia, o cinema. Portanto, a paisagem é a coincidência da noção de natureza com a de paisagem característica. Em outras palavras, por mais que dois lugares possuam similaridades do ponto de vista da geografia física, a atividade humana sobre aquele suporte geográfico caracterizá-lo como uma paisagem singular.

Os espaços distinguem-se por suas diferentes qualidades, tais como limites, centralização, continuidade, direção, proximidade, luz, clima, textura, vegetação, densidade, topografia, escala, proporção, materiais, cores, disposição dos edifícios, sentido de orientação, fatores psicológicos. Situações diferentes pedem lugares com caráter diferente. Sobre isso, Arantes (2000:183) afirma que: “(...) *Se reconhece que as pessoas têm identidades múltiplas, pode-se dizer a mesma coisa dos lugares. (...)*”.

A estrutura do lugar deve ser analisada através do espaço e do caráter. O caráter é ao mesmo tempo um conceito mais concreto e mais abstrato que o espaço. Por um lado, ele denota uma ampla atmosfera geral e por outro, a forma concreta e material dos elementos definidores do espaço. Sendo assim, qualquer presença real é intimamente relacionada com um caráter, que é determinado pelo material e a constituição formal do lugar. O *caráter* é a atmosfera do lugar, um fenômeno totalmente qualitativo que não podemos reduzir à soma de seus elementos constitutivos. O caráter é determinado por fatores como proporções, materiais, cores, estratégias de composição e pela forma como os edifícios se encontram com o céu, a terra e outros edifícios. Quer dizer, com a constituição formal do lugar.

O espaço é entendido como organização tridimensional dos elementos que proporciona a orientação do indivíduo. Simplificando, o espaço pode ser descrito através de palavras objetivas, da visualização imediata e impessoal do seu conjunto; enquanto o lugar é carregado de percepções individuais, de sensações próprias vindas de um repertório único.

Identificar o caráter de uma região torna-se imprescindível para alcançar a sustentabilidade do espaço construído, pois, além da conservação da natureza, temos também que adotar práticas locais, tradicionais e endógenas, ou melhor, recuperar o *espírito* do lugar, o *genius loci*. Para as civilizações antigas, ter um bom relacionamento com o lugar era uma questão de sobrevivência. Neste sentido, os espaços urbanos devem ser tratados como uma unidade, na qual os elementos ambientais, climáticos, históricos, culturais e tecnológicos entram como estímulos dimensionais.

Os espaços urbanos que admiramos por sua beleza e harmonia estão em regiões que tem um alto grau de adaptabilidade. Assim verificamos nos tecidos antigos, facilmente reconhecidos a partir das praças e cidades, em geral lugares com sentido estético e social, lugares que além da dimensão artística, tinham uma forma de circunscrever um espaço próprio à vida pública. Espaços capazes de conjugar interioridade e exterioridade.

RELAÇÃO ENTRE FORMA DE EXPRESSÃO DO AMBIENTE E A FORMA DE SEU CONTEÚDO FORMAL: EXEMPLOS DA ANTIGUIDADE

A análise do que é próprio do lugar constitui um modo de investigar a relação entre forma de expressão do ambiente e a forma de seu conteúdo formal. Assim, observaremos o significado do lugar em alguns relevantes assentamentos humanos ocidentais antigos, como por exemplo, o egípcio, o grego, o romano e nosso antecedente pré colombino. No antigo Egito, por exemplo, a finalidade aparente da forma que adquiriram os assentamentos era tornar visível a estrutura

espacial que dava ao homem egípcio seu sentido de identidade existencial e de segurança, contrastando com a paisagem de vastas e monótonas extensões. Num clima seco e estável, aliado a periódicas inundações, o curso do rio manifesta uma ordem natural e eterna: o Nilo corre de norte a sul, estabelecendo uma direção espacial primária; o sol ao nascer pelo leste e pôr-se pelo oeste marca a outra direção. Unidos, o sol e o rio, estabeleciam uma estrutura espacial simples, representada pelo hieroglífo que corresponde à palavra “mundo”. Os elementos naturais eram concebidos como caracteres gerais e não como lugares específicos. A axialidade egípcia é sempre finita, não simboliza uma tomada de posse do entorno, e sim, representa uma condição eterna.

Já a paisagem grega se caracteriza por uma grande variedade de sítios naturais. Lugares bem definidos, onde a luz intensa do sol e ar limpo conferem às formas uma presença dominante, que não aceita facilmente o domínio do homem, e que outorga o caráter individual (manifestações arquetípos) dos sítios. A localização dos assentamentos estava regida pela percepção dos significados do ambiente natural, tal como se manifestava através de suas formas particulares. Então os assentamentos obrigatoriamente estavam determinados pelo caráter do lugar, pelo “topos”. Assim, cada lugar, era uma entidade única. Desta forma os gregos ademais de querer definir lugares individuais reconheciam que funções diferentes requerem espaços diferentes.

Se o mundo grego era formado por uma multidão de lugares individuais, o mundo romano era centrado na sua capital. Os romanos dominaram a natureza, técnica e espacialmente. A rede de caminhos que construíram representava a característica básica do espaço existencial romano. Aqui os “nós” eram

importantes. Quando se consagrava um sítio, o “augur” sentado no centro com sua vara, o “lituus”, determinava dois eixos principais. Esta divisão representava os pontos cardeais e se ajustava à forma da paisagem circundante. O espaço assim definido era denominado “templum”, dando origem à ordem cósmica, e a cidade era concebida como um microcosmo, tal como o demonstra a estreita afinidade entre as palavras “orbis” (mundo) e “urbs” (cidade).

O mundo encontrado na América pelos colonizadores europeus tinha os traços fortes dos elementos fundamentais cósmicos como o sol e a lua, tanto que muitas vezes outorgavam seu nome aos monumentos. Assim foi em Teotihuacan, Cuzco, Chanchán, e outras cidades pré-colombinas. O ordenamento urbano de Cuzco por exemplo, era baseado em dois eixos principais não perpendiculares e dispostos de forma a marcar o início dos quatro caminhos que comunicavam a capital às quatro regiões que compunham o império. Possuía forte integração com a natureza e ainda segundo a análise de Aedo (2001), uma origem simbólica: “os incas deram a sua cidade a forma de um puma, animal pelo qual sentiam uma grande estima”, sendo construída sob sua proteção. Como a maioria das cidades Incas, Cuzco estava localizada em região de topografia tortuosa. Machu Picchu surpreende pelo uso inteligente dos recursos naturais da região e pela modificação intencional da paisagem, transformando áreas áridas em terras férteis muito produtivas. Aliás, a capacidade de intervir de forma inteligente no meio ambiente ajuda os incas a fortalecer o império.

Chanchán representa o auge do desenvolvimento urbano das civilizações andinas centrais, a cidade herda da tradição regional, os recintos cercados, muitas vezes labirínticos, que, em geral, possuem forma retangular e estão orientados

no sentido norte sul. A presença do deserto se impõe de maneira avassaladora; apesar da altíssima tecnologia, ainda atual, utilizada para a produção de aquedutos, os habitantes da cidade identificavam-se com o seu sítio, através da forte presença da terra. Chanchán significa fogo-fogo, em referência à relação entre o deserto e o sol.

Teotihuacán surgiu como centro cerimonial; o seu traçado ordenado e preciso e a disposição dos monumentos arquitetônicos no sítio, formando uma perspectiva axial, fizeram desta cidade um elemento único. O traçado da cidade estava estruturado segundo dois eixos principais no sentido norte-sul e leste-oeste. O eixo norte-sul marcava o acesso ao centro cerimonial, nele foi aberta a chamada Avenida dos Mortos, com uma rotação de $15^{\circ} 30'$ em relação ao norte astronômico e margeada pelas Pirâmides do Sol e da Lua, evidenciando um sítio circunscrito por um relevo protetor. O perfil de cada montanha identificava uma entidade com personalidade própria. O eixo leste-oeste marca o percurso do sol no dia 6 de junho quando passa pelo zênite do lugar.

Em Tenochtitlán, as obras de engenharia visavam evitar inundações, canalizar água doce de lagos próximos para o abastecimento da cidade e interligar a ilha com o resto do continente, a partir de três estradas: uma localizada ao sul, outra ao norte e a terceira a oeste. O centro cerimonial levou em consideração o percurso aparente do sol e outros marcos visuais da paisagem. O traçado no restante da cidade era um reticulado homogêneo que se adaptava às condições naturais do sítio físico.

O mundo maia é conhecido por representar o auge do refinamento artístico e cultural, científico e tecnológico das civilizações pré-colombianas, mesmo

tendo atingido uma pequena extensão e número de habitantes. Organizado em cidades-estado independentes, na Península de Yucatán, os maias ficaram conhecidos como os gregos do Novo Mundo. O espaço da cidade foi determinado para atender o sagrado e o profano, obedecendo sua cosmovisão (visão das coisas, crenças e modo de vida). O conjunto de idéias, pensamentos e proposições, eram concebidos a partir do lugar que os deuses, os astros, a terra e o homem ocupavam no universo.

Apesar de sua unidade, a civilização maia desconhece a uniformidade. Cada cidade é marcada pela originalidade de seus componentes. Tikal está distante de leitos de rios e lagos de água doce, mas a cidade era bem servida por um eficiente sistema de captação e distribuição de água, inclusive com sistemas de irrigação destinados à agricultura local. Na praça principal foram erguidos quatro templos piramidais. Traçando uma linha partindo do centro da pirâmide IV até o centro da pirâmide I, tem-se o Azimute do pôr-do-sol no dia 13 de Agosto. Traçando outra linha ligando a mesma pirâmide I até a pirâmide de número III obtemos o Equinócio e interligando as pirâmides III e IV, obtemos a posição do nascer do Sol no primeiro dia de Inverno no Hemisfério Norte. Por fim, a pirâmide número V está perpendicular às pirâmides I e IV.

Estes princípios contrastam com a neutralização compulsiva do entorno que é realizada nos principais assentamentos humanos contemporâneos. Uma das exceções, a cidade de Brasília terá seu *genius loci* analisado a seguir

ESCOLHA DO SÍTIO PARA A CAPITAL DA REPÚBLICA

Para a localização da nova capital do Brasil buscou-se superar os problemas das cidades sem planejamento, baseando a seleção do sítio em fatores

econômicos e científicos, bem como nas condições do clima e a beleza do lugar.

Vanhagen, Cruls e o botânico Glaziou estiveram no Planalto Central a fins do século XIX à procura de um sítio para a nova capital, até localizá-la no triângulo formado entre três lagoas: Lagoas Feia, Mestre de Armas e Formosa. Glaziou propôs amenizar a secura do lugar com um lago e descreveu o sítio para Cruls em 1893:

“entre dois chapadões, conhecidos na localidade por Gama e Paranoá, existe imensa Planície em parte a ser coberta pelas águas da estação chuvosa, acabou com o carrear dos saibros e mesmo de pedras grossas, por abrir nesse ponto uma brecha funda, de paredes quase verticais pela qual se precipitam hoje todas as águas dessas alturas. É fácil compreender que fechando essa brecha com uma obra de arte, forçosamente a água tornará ao seu lugar primitivo e formará um lago navegável em todos os sentidos. Além da utilidade da navegação, o cunho de aformoseamento que essas belas águas correntes haviam de dar à nova capital, despertariam certamente a admiração de todas as nações”.

Em 1954, a firma Donald J. Belcher e Associados foi contratada pelo governo brasileiro para executar os levantamentos necessários para a definição do local. Foram analisados cinco sítios denominados de acordo com uma cor: vermelho, verde, azul, castanho e amarelo. A escolha final do sítio foi feita a partir de uma avaliação climática e geológica do lugar. Foi realizada também uma leitura

morfológica da paisagem, que foi considerada na sua dimensão estética e humanizadora.

“O sitio Castanho é um sitio convexo, é aberto a todas as influências dos ventos predominantes e, durante os períodos de calmaria, tem um forma topográfica ideal para promover a drenagem do ar através do sítio da cidade. O ar se movimenta do Planalto alto e seco através da área da cidade e se drena dentro do vale florestado do rio São Bartolomeu. Este vale florestado é de tamanho suficiente e está a uma distância suficiente para não constituir uma desvantagem. A área do sítio é bem drenada, condição esta que reduzirá a umidade a um mínimo. Ela é bem coberta com uma floresta *que de* árvores baixas de melhor qualidade que a de quaisquer outras áreas altas. Isto influenciará favoravelmente o microclima e dessa forma reduzirá a temperatura do solo e a influencia da radiação noturna”. (*CODEPLAN, 1995:243*)

Quanto à área destinada à construção da capital, Carpintero (1998:57) a define e caracteriza como segue:

“Uma grande concavidade de cerca de 30 km de diâmetro, um pouco alongada na direção norte –sul. Suas bordas são mais acentuadas apenas no quadrante de norte até leste, onde se localiza a garganta do Paranoá. Nas outras direções, especialmente ao sul, esta borda é suave. No centro, uma convexidade, ligeiramente alongada na direção norte-sul, separa as águas dos rios Torto e Gama. O espigão reto do divisor de águas, liga-se à encosta convexa regular, confor-

mando, nesta parte, como que a seção de uma calota esférica acrescida de um promontório contido pelos braços do lago. Esse espigão, erguendo-se sobre os terrenos mais baixos às margens do lago, conformam uma paisagem de grande força, conferindo monumentalidade ao sítio, apenas pela localização”.

A bacia do Paranoá, enquanto lugar, é delimitada em todo seu perímetro por uma muralha de chapadas (Contagem, Taguatinga, Gama, Paranoá). Embora releve nos mapas a forma aproximada de um rim, para a pessoa que se coloca em seu interior prevalece a sensação visual do horizonte como uma circunferência perfeita.

Em termos de uma estrutura espacial fundamental, o sítio de Brasília pode, então, ser descrito por três fenômenos principais:

- a massa contínua de chapadas elevadas circunscrevendo um espaço geograficamente bem delimitado;
- uma colina de encostas suaves ocupando o centro deste espaço;
- a rede hidrográfica introduzindo linhas de força (os cursos d' água) e elementos naturais de centralização (ponto de confluência dos cursos d' água) e direcionamento (escoamento das águas da bacia por um único ponto, a leste).

A configuração do relevo que define sua paisagem garante a Brasília a visão de um horizonte de 360° e da abóbada celeste como um semi-hemisfério completo. A vista alcança grandes extensões e a paisagem se espalha em cerrados distantes.

Em Brasília, a “muralha” das chapadas constitui ao mesmo tempo um horizonte e um fechamento. Esta dupla função talvez constitua o mais importante elemento definidor da relação entre o céu e a terra no sítio de Brasília. O significado desta estrutura espacial para o caráter do lugar diz que no sítio que recebeu Brasília, o mundo protege o homem, ao mesmo tempo em que lhe revela sua ordem cósmica.

LAGO PARANOÁ: PAISAGEM CULTURAL

Segundo Fontoura¹, a construção do Lago Paranoá sintetiza dois dos três modos através dos quais os lugares criados pelo homem se relacionam com a natureza, no pensamento de Norberg-Schulz: visualização e complementaridade.

Por complementaridade, o autor entende as intervenções humanas que procuram completar o que está “faltando”. No caso de Brasília, “faltava” na paisagem um corpo d’água de porte significativo.

Por visualização, o autor define a atitude de tornar visível uma estrutura natural através de um “objeto” artificial. O lago Paranoá confirma e reforça a estrutura hidrológica natural do sítio, delimitando e abraçando seu domo central, estabelecendo um direcionamento espacial e fornecendo um elemento de centralidade. De seu efeito centralizador, “magnético”, deriva provavelmente seu maior impacto na paisagem natural. A presença do Lago reforça a “diferença qualitativa” que nega uma possível isotropia espacial do domo central da Bacia do Paranoá: o caráter de sua encosta leste é nitidamente distinto do caráter de sua encosta oeste. Este fenômeno é concretizado na maior parte dos projetos

¹ Raúl Fontoura em texto produzido para a disciplina Bioclimatismo, PPPG –FAU, 2003.

apresentados para a nova capital: o quadrante leste, voltado para o lago e para a alvorada é, por assim dizer, a “fachada nobre” da cidade, enquanto que o quadrante oeste, que se dilata rumo ao poente em uma paisagem mais árida, é sua “fachada dos fundos”. O primeiro abriga o centro cívico, as embaixadas, os lugares de passeio, o segundo recebe o sistema rodoviário interestadual, o parque ferroviário, as indústrias.

O Lago Paranoá estabelece uma fronteira para a área urbana. Se, por um lado, sua superfície reflexiva tem um efeito desmaterializador que se contrapõe à estável estrutura tipográfica, por outro, a perenidade de suas águas e seu contorno imutável são signos de estabilidade e permanência que se contrapõem, respectivamente, à sazonalidade das chuvas e à constante transformação da paisagem em processo ininterrupto de urbanização.

Pode-se dizer ainda do lago Paranoá que suas águas oferecem reflexos mágicos da aurora, do crepúsculo e da lua cheia, multiplicando o impacto visual destes fenômenos tão caros ao habitante de Brasília.

Em Brasília existe a experiência diária, quase tangível, de testemunhar pela manhã ao nascer o sol atrás de um horizonte visível, acompanhar seu trajeto ao longo da abóbada celeste e seu crepúsculo ao final do dia.

O que dá ao “homem de Brasília” a sensação de segurança no lugar e no domínio visual sobre a paisagem (céu e terra) é a facilidade que a paisagem oferece de se fazer compreender através de relações espaciais claras entre os seus elementos, ou seja, sua legibilidade. No vocabulário de Norberg Schulz, estas características situam Brasília, enquanto lugar, entre os domínios do cósmico e do clássico, e são essenciais na definição do seu *genius loci*.

UMA ACERTADA LEITURA DO SÍTIO.

Lúcio Costa fez uma acertada leitura do sítio e acomodou seu projeto à forma do mesmo. Estabeleceu um vínculo com o espaço e escolheu para a localização o triângulo contido entre os braços do lago. Este triângulo ergue-se ligeiramente sobre os terrenos laterais mais baixos que chegam ao lago. Na linha do espigão estabeleceu o eixo Monumental acompanhando as curvas de nível que descem até o lago e acomodou o eixo Rodoviário. Nas palavras do autor:

“Nasceu de um gesto primário de quem assinala um lugar ou dele toma posse; dois eixos cruzando-se em angulo reto, ou seja, o próprio sinal da cruz. Procurou-se depois a adaptação à topografia local, ao escoamento natural das águas, à melhor orientação, arqueando-se um dos eixos a fim de contê-lo no triângulo que define a área urbanizada”.²

Evoca o “augur” sentado no centro e com sua vara, o “lituus”, determinando dois eixos principais. Essa divisão representava, como assinalamos anteriormente, os pontos cardeais e se ajustava s formas da paisagem circundante. O triângulo recorrente abriga a “área urbanizada” e também o centro do Poder, a Praça dos Três Poderes. O autor diz:

“É um triângulo equilátero, com os três poderes acentuados, cada qual num vértice. No contato direto desse triângulo com a vegetação, no meu espírito um tanto romântico, imaginava que teria um sentido: o cerrado representaria o povo, a massa de gente sofrida,

² Memória Descritiva do Plano, 1957 in “Lúcio Costa Registro de uma vivência”, São Paulo Empresa das Artes - Ed. UnB, 1995, pg. 284.

que estaria ali junto ao poder da democracia que lhe é oferecido. Essa idéia foi logo destruída, sem querer, pelas máquinas de terraplanagem. Quando dei por mim já o haviam arrasado completamente, revolvido a terra em volta da Praça dos Três Poderes. O cerrado, uma vez destruído, não mais se recupera”³.

Mesmo sem intenção, a natureza ainda rebelde é novamente neutralizada a partir do nivelamento dos seus traços naturais.

As palavras de Lúcio Costa na memória descritiva têm um significado que transcende a simples descrição de um projeto: suas palavras conferem a Brasília uma origem quase mítica. No gesto primário de concepção da cidade, a sua estrutura fundamenta: dois grandes eixos que se cruzam. O primeiro deles atravessa o sítio de leste a oeste, repetindo no chão o trajeto do sol no dia mais longo do ano. O segundo, que poderia ter se mantido perpendicular ao primeiro, prefere curvar-se a acompanhar o perfil do relevo. O traço fundamental de Lúcio Costa assenta assim a cidade na estrutura da paisagem, conectando –a tanto ao céu quanto à terra.

Se as intenções iniciais foram cuidadosas com o sítio, o que veio a seguir não mais foi acompanhado desse espírito. Já em 1974 Lúcio Costa³ alertava para o desastre que seria se a expansão da cidade se fizesse ao longo das vias de conexão com as cidades satélites. Para evitar esta situação, ele propõe “*criar dois anéis em volta do núcleo piloto propriamente dito, entre a matriz – Brasília – e as cidades satélites. São áreas que deveriam ser estimuladas para as ativi-*

³ “Considerações em torno do Plano Piloto de Brasília” in I Seminário de Estudo dos Problemas Urbanos de Brasília, Senado Federal, 1974, pg. 24.

dades agrícolas. É a única maneira – porque são áreas de cultura – de evitar-se a ocupação indevida, com atividades de outra natureza, que aos poucos, tende à criação de subúrbio”.

A percepção do sítio revela-se, portanto, um modo de se eleger, evidenciar e tomar consciência das qualidades que estão presentes num determinado lugar. O caráter e a identidade possuem um valor de síntese, podem ser confrontados e compreendidos nos tipos genéricos de idéias de paisagem. A caracterização do lugar relaciona-se com a vivência do homem, com a relação que um experimenta com o outro, transformando-o, adaptando-o e absorvendo as regras preestabelecidas pela própria natureza. Esta relação biunívoca tem subjacente o valor e a identidade do lugar.

A PAISAGEM COMO PREMISA FUNDAMENTAL

A premissa fundamental é que o sítio, a paisagem e as formas naturais do terreno constituem as bases de projeto. A conservação dos rasgos, naturais da paisagem permitem que exista senso do lugar e sensibilidade para o contexto; a escala percebida é mais contínua e complexa. Um alto grau de sensibilidade ecológica permite a criação de zona de transição entre o ambiente natural e o artificial. Assim, é mantido o máximo da diversidade, aproveitando, para tanto, as condições específicas de cada lugar.

Na estrutura da paisagem, o céu tem papel fundamental. A abóbada celeste é percebida quase como uma calota completa. Ao longo do dia, a variação da luz é absolutamente marcante durante o pôr e o nascer do sol, principalmente

nas épocas de céu parcialmente nublado, em que as nuvens se tingem de tons absolutamente surpreendentes que transformam não só a região da abóbada celeste em torno do disco solar, mas toda a paisagem. O céu é também o cenário de outros fenômenos importantes para o “habitar” no planalto central de altitude: o nascer da lua cheia, as nuvens de chuva e as tempestades vistas a grandes distancias, o arco cintilante da Via Láctea nas noites sem nuvens.

Habitar no Planalto é estar em constante contato com o céu e em contemplação do horizonte e da paisagem, em que a vista alcança grandes distâncias. A paisagem não significa algo dominado e controlado, ou algo desumanamente poderoso, mas uma manifestação cósmica capaz de oferecer abrigo à vida cotidiana, sinalizando ao mesmo tempo a sua transcendência.

Nas vastidões de “macro-lugares” dos domínios do cerrado, as veredas e campos de murundus são elementos definidores de lugares naturais de média e micro escala, com caráter também muito marcante na paisagem. Este caráter é definido em grande parte pela presença do buriti, cujo porte e silhueta são valorizados pela ausência de outras espécies vegetais além dos capins baixos e eventuais arbustos.

A divisão rítmica do tempo entre uma estação de seca e uma época de chuva é elemento fundamental de estruturação do lugar. Na seca, o cerrado se torna uma paisagem árida, e aumenta o contraste entre o verde escuro das matas de galeria e as cores amareladas dos campos e cerrados ressequidos. O céu absolutamente livre de nuvens, se torna cinzento e estagnado. Na época das chuvas, o céu varia de azul brilhante a inteiramente coberto por nuvens baixas de chuva e a vegetação recupera o viço e o verde.

A TRANSFERÊNCIA DA CAPITAL PARA O PLANALTO CENTRAL

A construção de Brasília redefiniu o processo de ocupação, trouxe também uma nova estrutura sócio-econômica para a região, com grandes impactos e modificações na sua estrutura urbana-rural. O baixo preço da terra atraiu a ocupação desse novo território; contudo, o ritmo acelerado imposto às obras da Nova Capital concentrou a migração ao seu redor gerando um processo de urbanização que explodiu na solidão dos cerrados goianos. O município mais atingido foi Luziânia, que teve seu solo retalhado por loteamentos longe da sede e nas áreas próximas do Distrito Federal.

Do ato de parcelar a terra restaram para os Municípios, além dos milhares de lotes, graves problemas de cunho social e econômico, fazendo com que sua população mais recente seja caracterizada como marginal a Brasília; representando ao mesmo tempo uma alteração brusca e radical da forma e ritmo da ocupação e uso do solo naqueles municípios. O resultado tem sido o rompimento e o aviltamento do processo de formação destas cidades, responsáveis, ao longo do tempo, pela desestruturação da comunidade e sua paisagem urbana e ofendendo, em última instância, sua identidade histórica.

Os “guardiões” da pureza do plano original de Brasília não atentaram para o fato de que na Região está se implantando a proposta classificada em 2º lugar no concurso fundador: uma série de aglomerados ao longo de um sistema viário. Resta para a população o espaço urbano para realizar sua marginalização, um processo que é comum à sociedade brasileira. Até a década de 80, o Entorno do DF oferecia válvula de escape e permitia que as contradições se realizassem sem trauma para o DF. Entretanto, não é mais essa a situação hoje.

O DESAPARECIMENTO DA COBERTURA VEGETAL

Constatamos que o Distrito Federal teve mais da metade de sua vegetação nativa destruída entre 1954 e 1998, devido ao crescimento desordenado da cidade, os condomínios irregulares, os assentamentos e as invasões. Em 1990 a malha urbana ocupava 438.000 hectares e em 1994 houve um avanço de 28 % sobre o território, uma vez que a malha urbana ocupava 560.000 hectares. Relatório da Unesco mostra que o distrito Federal perdeu 56,7% da vegetação nativa desde 1964. Cidades, fazendas e invasões aniquilaram veredas, campos limpos e matas de galeria e causaram o desaparecimento de 600 espécies de plantas. Florestas próximas a Brazlândia, Ceilândia, Paranoá e Planaltina praticamente desapareceram para dar lugar a condomínios irregulares, invasões de terras e expansões de cidades.

Numa fúria impressionante, as chácaras das colônias agrícolas Vicente Pires e Samambaia são transformadas em novos condomínios para a classe média. Sem planejamento e com omissão da fiscalização, a construção de casas e a venda de lotes não pára. Bem em frente à residência oficial do Governador em Águas Claras, do outro lado da pista que liga o Plano Piloto a Taguatinga, o chão que deveria exibir o verde das hortaliças e de outras plantações é retalhado a cada dia. A invasão está situada em área de inundação. O lençol freático está tão próximo do solo que aflora toda vez que chove.

O meio ambiente do Distrito Federal não suporta a ocupação desordenada e a concentração de tantos condomínios em uma mesma região. Mais da metade dos loteamentos irregulares da capital da república (54, 2 %) está situada em Áreas de Proteção Ambiental (APA). De 1975 a 1985, existiam 150

parcelamentos irregulares no DF. Dez anos depois, já eram mais de 500 (Correio Braziliense de 22.11/2000).

Os danos ambientais podem ser percebidos em outras localidades. O inchaço populacional ao redor de Sobradinho dobrou a população da cidade em menos de 10 anos. São cerca de 80 mil pessoas morando em loteamentos irregulares, numa região geológica e ecologicamente sensível. A água desce desordenada pelas ruas, vinda de nascentes, de esgotos ou da chuva. Sem estrutura adequada de escoamento, invade condomínios e leva lixo, dejetos e cascalho para dentro dos córregos. Para se desfazer da água suja, os moradores puxam encanamentos até os córregos e constroem fossas ecologicamente incorretas; não há sistema de água potável. As nascentes são usadas de forma desordenada pelos moradores, que constroem poços artesianos sem nenhum critério. Muitos veios de água secaram; a área de proteção do córrego não é respeitada.

À medida que Brasília ia sendo edificada a paisagem natural ia dando lugar a uma outra completamente diferente, com elementos estranhos àquele meio e de adaptação ainda por conhecer. Não havia como fugir do tradicionalismo: repetia-se, em pleno complexo vegetacional do cerrado, o que havia ocorrido na concepção de outras urbes erguidas em meio a caatinga, floresta amazônica, floresta atlântica.

Em reportagem recente (Correio Braziliense de 18.05.2003) a manchete anuncia “O homem sitiou o cerrado”. O Parque Nacional, por exemplo, que protege a bacia dos córregos Torto e Bananal está ameaçado pela cidade Estrutural, condomínios ao redor do Parque, depósito de lixo e criação do Setor Noroeste. Já a Fazenda Águas Limpas que protege a bacia dos ribeirões do

Gama e Cabeça de Veado está ameaçada pelo parcelamento do Park Way, a construção da segunda pista do aeroporto e do bairro Catetinho.

Esta destruição da paisagem do cerrado tem produzido mudança no regime climático do lugar. Já percebem-se algumas diferenças no clima do sítio após quarenta anos de urbanização acelerada. Na cidade, as temperaturas não sofreram grandes diferenças; as precipitações e a umidade diminuíram; janeiro já não é o mês mais úmido, (agora é dezembro) nem setembro é o mais seco (agora é agosto). A velocidade dos ventos aumentou, mas suas direções mantiveram-se as mesmas. A insolação tem diminuído de um modo geral, mas tem aumentado no verão.

MUDANÇAS FÍSICAS E SOCIAIS PROFUNDAS NA REGIÃO DO CERRADO

O movimento de ocupação, iniciado com a mudança da capital, fazia parte das perspectivas governamentais de estender a ocupação das fronteiras a oeste e a norte do país, não se prevendo no entanto que acarretasse mudanças físicas e sociais tão profundas na região. A maioria da população que hoje ocupa a região é oriunda de outras regiões do país e não raro, percebe o cerrado como uma região pobre, especialmente no que se refere à sua vegetação.

O pouco conhecimento dos potenciais e das limitações regionais, por parte da nova população, aliado à pouca expressividade das áreas conservadas sob controle do governo⁴, à falta de um eficiente sistema de fiscalização florestal, à ausência de uma ordenação territorial baseada nas potencialidades e limitações

⁴ Exceção para a área do Distrito Federal, onde atualmente, aproximadamente 40% de sua área está destinada a preservação, porém sem fiscalização nem ordenamento.

ecológicas e o conflito entre a sustentabilidade e as políticas e incentivos ao aproveitamento econômico dos recursos da região, vem contribuindo para que já comecem a se sentir, na região, efeitos tais, como secas prolongadas e falta de água.

A respeito da avaliação dos recursos hídricos da região onde atualmente se localiza o DF, o Relatório Belcher comparava a região a uma esponja, absorvendo quase totalmente a água da chuva, armazenando-a no subsolo e descarregando-a em forma de rios. Neste sentido já recomendava o controle da erosão, para o caso do crescimento das áreas urbanas.

Esta erosão vem se dando, em parte pela retirada da vegetação e a conseqüente ausência de raízes, dificultando a infiltração e, em parte pelo aumento das superfícies impermeabilizadas, que contribuem para o aumento do escoamento superficial.

O meio ambiente urbano poderá ser representado num objeto único, tendo como base à síntese das características que lhe dão identidade própria. Refere-se a uma parte do território, natural ou construído, que ressignifica o nosso entendimento do meio físico. A percepção do sítio revela-se, portanto, um modo de se eleger, evidenciar e tomar consciência das qualidades que estão presentes num determinado lugar. O caráter e a identidade possuem um valor de síntese, podem ser confrontados e compreendidos nos tipos genéricos de idéias de paisagem. A caracterização do lugar relaciona-se com a vivência do homem, com a relação que um experimenta com o outro, transformando-o, adaptando-o e absorvendo as regras preestabelecidas pela própria natureza. Subjazem a esta relação biunívoca o valor e a identidade do lugar.

A cultura ambiental é uma síntese das condições do meio natural e da paisagem construída, dos conjuntos urbanos e dos espaços de uso público, das edificações, do mobiliário etc. A consideração destes elementos nos permite atender melhor às exigências de qualidade de vida dos cidadãos. Por outro lado, ao negligenciarmos os elementos próprios do lugar, especialmente os ambientais, que devido a sua especificidade são os que lhe outorgam caráter e o definem nas suas feições fundamentais, omitimos um planejamento local específico, mais adequado, da grande diversidade regional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AEDO, W. C. (2001). *Vivienda urbana popular de adobe en el Cusco*, Perú. Peru: UNESCO.
- ARANTES, A. A. (2000). *O espaço da diferença*. Campinas: Ed. Papirus,.
- ARANTES, O. (1993). “A ideologia do lugar público na arquitetura contemporânea” in *O lugar da arquitetura*. São Paulo: Edusp.
- BRUAND, Y. (1981). *Arquitetura contemporânea no Brasil*. São Paulo: Ed. Perspectiva.
- CARPINTERO, A. C. (1998): “Brasília: Prática e Teoria Urbanística no Brasil, 1956 – 1998”, Tese de Doutorado, FAUUSP, São Paulo.
- CODEPLAN. (1995). *O Relatório Técnico sobre a Nova Capital da República. Relatório Belcher*, 4ª ed. Brasília: GDF/Codeplan,.
- FONSECA, Fernando (org.) (2001): *Olhares sobre o Lago Paranoá*. Brasília: Secretaria de Meio Ambiente.
- GREGOTTI, V. (1975). *Território da arquitetura*. São Paulo: Editora Perspectiva.
- NORBERG-SCHULZ, C. (1980). *Genius Loci – towards a phenomenology of architecture*. New York: Rizzoli International Publications.

- PINHEIRO, I. (1957): “Uma realidade: Brasília” Entrevista publicada na Revista MÓDULO nº 8 - ano 3 ,julho de 1957, Rio de Janeiro.
- RAPOPORT, A. (1978): *Aspectos humanos de la forma urbana: hacia una confrontación de las ciencias sociales con el diseño de la forma urbana*. Barcelona: Ed. Gustavo Gili.
- RASMUSSEN, S. E. (1974): *Experiencia de la arquitectura*. Barcelona: Ed. Labor S.A.,.
- ROMERO, M. A. B. (2000): *Princípios Bioclimáticos para o desenho urbano*. 2ª ed., São Paulo: ProEditores.
- ROMERO, M. A. (1999a); “Desempenho das Constantes Morfológicas. Índices de Adequação Ambiental da Periferia do DF”, pág. 85 até 109, in *Brasília gestão urbana; conflitos e Cidadania*, Paviani (org.), Coleção Brasília. Brasília: Editora UnB.
- TURIN, R. N. (1992). *Aulas – elementos de linguagem*. São Carlos: Serviço Gráfico – EESC – USP.
- SENNET, R. (1991) *La conciencia del ojo*. Barcelona: Ediciones Versal,.
- SITTE, C. (1992). *A construção das cidades segundo seus princípios artísticos*. 4 ed. São Paulo: Editora Ática S.A.